



## **Escuta comigo - sons da escola geografados com as crianças: formação docente com as experiências de um pibidiano**

Listen with me: "Geographed" school sounds with children as part of teacher training through PIBID experiences

Escucha conmigo - sonidos escolares geografiados con los niños: formación docente con las experiencias de un pibidiano

**Anderson Brunetto Duarte<sup>1</sup>**

*Estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil*

**Denise Wildner Theves<sup>2</sup>**

*Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil*

**Élida Pasini Tonetto<sup>3</sup>**

*Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil*

**Nestor André Kaercher<sup>4</sup>**

*Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil*

**Recebido em:** 31/07/2024

**Aceito em:** 21/11/2024

### **Resumo**

No texto apresentam-se experiências e reflexões de um Bolsista de Iniciação à Docência, no Subprojeto de Geografia junto a alunos de um segundo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da região central de Porto Alegre (RS). Nos encontros semanais com a turma foram desenvolvidas propostas didáticas intencionalmente planejadas, envolvendo a corporalidade, espacialidade e musicalidade, estimulando a autoria das crianças e os conhecimentos escolares. Esses momentos registrados em diário de campo da docência, foram profícuos para conhecer as percepções e as espacialidades das crianças, revelando suas lógicas e vivências no espaço escolar. Os recortes apresentados nesse trabalho reafirmam a importância da docência com a Geografia Escolar com propostas que considerem a presença das crianças no mundo, suas linguagens e autorias. Mostrou ainda, quão rica foi para a formação inicial do licenciando, a convivência com as crianças, à medida que pôde perceber as múltiplas compreensões e leituras de tempo e de espaço dessas, inclusive em outros momentos na escola que não na sala de aula.

**Palavras-chave:** PIBID. Crianças. Sons educadores.

<sup>1</sup> [anderson.brunetto.duarte26@gmail.com](mailto:anderson.brunetto.duarte26@gmail.com) .

<sup>2</sup> [denisetheves@gmail.com](mailto:denisetheves@gmail.com) .

<sup>3</sup> [elida.tonetto@ufrgs.br](mailto:elida.tonetto@ufrgs.br) .

<sup>4</sup> [nestorandrek@gmail.com](mailto:nestorandrek@gmail.com) .

### **Abstract**

The text presents the experiences and reflections of a Teaching Initiation Scholarship Holder within the Geography Subproject, working with second-year elementary school students from a public school in the central region of Porto Alegre (RS). In the weekly meetings with the class, intentionally planned didactic proposals were developed, involving corporality, spatiality and musicality, stimulating the children's authorship and school knowledge. These sessions, recorded in a teaching field diary, provided valuable insights into the children's perceptions and spatialities, revealing their unique logic and experiences in the school environment. The excerpts presented in this work reaffirm the significance of teaching School Geography through approaches that consider the children's presence in the world, their expressive languages and authorship. Additionally, it showed how enriching the initial training of the undergraduate student was, as they were able to perceive their multiple understandings and readings of time and space, including those formed outside traditional classroom settings.

**Keywords:** PIBID. Children. Educational sounds.

### **Resumen**

El texto presenta las experiencias y reflexiones de un Becario de Iniciación a la Docencia en el Subproyecto de Geografía con estudiantes de segundo año de enseñanza básica de una escuela pública de la región central de Porto Alegre (RS). En los encuentros semanales con la clase se desarrollaron propuestas didácticas intencionalmente planificadas, involucrando corporalidad, espacialidad y musicalidad, estimulando la autoría de los niños y los conocimientos escolares. Estos momentos registrados en el diario de campo docente fueron fructíferos para comprender las percepciones y espacialidades de los niños, revelando sus lógicas y vivencias en el espacio escolar. Los extractos presentados en este trabajo reafirman la importancia de la docencia de la Geografía Escolar con propuestas que consideren la presencia de los niños en el mundo, sus lenguajes y sus autorías. También mostró cuán enriquecedora fue para la formación inicial del estudiante de pregrado, al poder percibir sus múltiples comprensiones y lecturas del tiempo y del espacio, incluso en otros momentos escolares distintos al aula.

**Palabras clave:** PIBID. Niños. Sonidos educativos.

### **Introdução: pelos espaços da escola com as crianças, espaços educadores**

Este texto apresenta um relato de experiências a partir de propostas didáticas desenvolvidas no ano de 2023, com uma turma de crianças do 2º ano do Ensino Fundamental, em uma Escola de Rede Pública Estadual, na cidade de Porto Alegre (RS), no Subprojeto de Geografia, junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Além disso, vincula-se ao Projeto de Extensão Ritmos Geográficos na infância: corpo, música, tempo e espaço na escola, que pretendeu o estudo, o planejamento e o desenvolvimento de propostas interdisciplinares com turmas dos anos iniciais na mesma escola.

Nesse contexto, a ênfase recai sobre recortes de momentos em que foram desenvolvidas propostas envolvendo a corporalidade, espacialidade e musicalidade, com as quais se preconiza refletir sobre a mediação docente, considerando a autoria das crianças e os conhecimentos escolares. Assim, assume-se o compromisso epistêmico com o desenvolvimento de propostas didáticas planejadas e

apoiadas em referenciais da educação e da didática, que suscitem leituras e visões de mundo diversas, contribuindo para que na escola se constitua um espaço-tempo de vivências comprometidas com as crianças e as suas vidas. Metodologicamente, foram indicados estudos de referenciais teóricos com os quais se realizou o debate e o planejamento de atividades que foram propostas às crianças da turma. Os registros da realização das atividades foram feitos com o uso de diferentes linguagens e agrupados em um Diário da docência com a turma.

O pressuposto dos autores é que as crianças, independente da idade, ao entrarem na instituição escolar, já trazem leituras de mundo, isto é, já tem experiências com tempo, espaço, sonoridades diversas, bem como com seu próprio corpo. Assim sendo, são seres já inscritos no mundo, e, como tal, os educadores podem aprender muito com essas vivências, pois as crianças não estão sendo consideradas páginas em branco e tem muito a nos dizer e a nos ensinar. A ideia é que o corpo é a Primeira Geografia, afinal, é com ele que somos e estamos no mundo. É através dos sentidos, sempre mediados pelo pensamento, que as sensações vão nos educando.

Assim, propõem-se dois movimentos analítico-reflexivos apresentados neste texto. Inicialmente, com o título Sons da formação coletiva com as crianças, aponta-se o contexto geral da escola e da turma, seguido pelos relatos reflexivos a partir de duas atividades didáticas desenvolvidas com as crianças da turma e a forma que estas repercutiram na formação do pibidiano<sup>5</sup>. Na sequência, com o título Escuta comigo - Cabe a escola pensar e buscar a felicidade?, são tecidas as considerações finais.

Cabe destacar que o texto que segue é feito a várias mãos, intercalando as experiências mais pessoais de um jovem licenciando em Pedagogia, sua Formação Inicial com os 'pensamentos em voz alta' de nós, professores coordenadores e orientadores, num processo reflexivo em que se misturam as vozes e pensamentos. Por isso, usamos aqui a expressão reflexivo, isto é, as coisas estão vivas e sendo pensadas durante a ação coletiva em nossa permanente formação.

### **A escola e a turma: espacialidades que tem muitos sons**

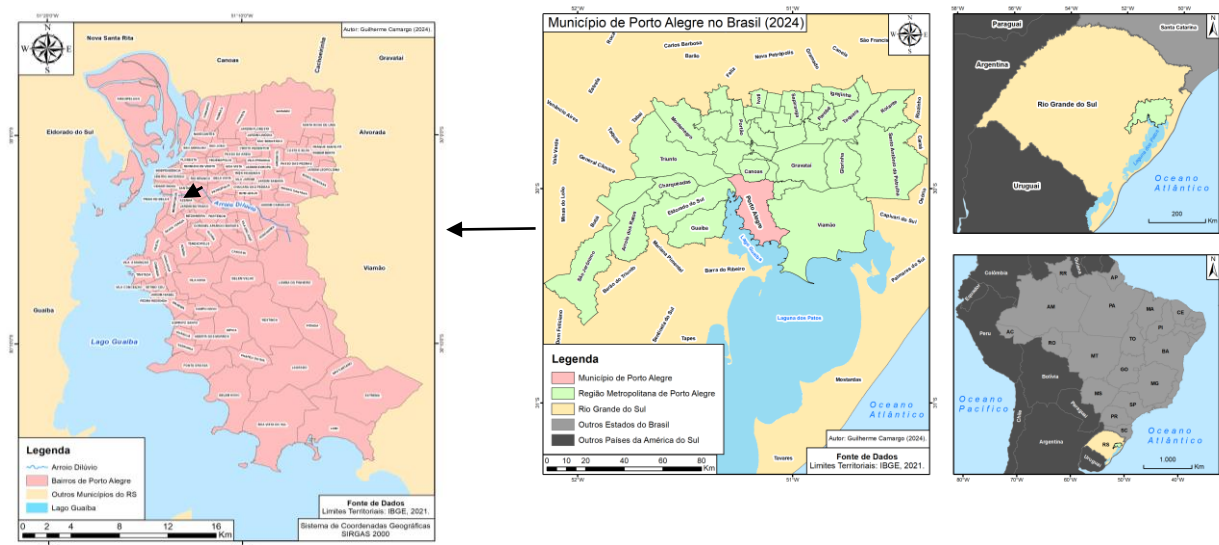
A escola em que as atividades foram realizadas, localiza-se no Bairro Azenha, próximo à área central da cidade de Porto Alegre (RS), na confluência de avenidas movimentadas, com mobilidade facilitada e acolhe alunos de diversas áreas de Porto Alegre. Os mapas das figuras 1 e 2 indicam a

---

<sup>5</sup> Utilizaremos a expressão pibidiano para fazer referência do Bolsista de Iniciação à Docência, pois os estudantes utilizam essa expressão ao mencionar o vínculo com o Programa de Iniciação à Docência (PIBID).

localização da escola.

**Figuras 1 e 2**  
Zoom na localização da escola



Fonte: Guilherme Camargo (2024).

Os alunos de modo geral, residem em comunidades de baixa renda e longe da escola, morando principalmente em zonas periféricas da cidade. Há também alunos vindos de conjuntos de moradias populares das cercanias. O fato da escola ter fácil acesso por transporte público (está próximo de um corredor de ônibus), facilita que pais que trabalhem nas imediações possam trazer seus filhos para ali estudar. Os pais são, em geral, trabalhadores do setor de serviços e muitos outros trabalham na informalidade. Destacamos, portanto, a facilidade – e a necessidade – do transporte público como fator fundamental para os cidadãos usufruírem da cidade.

A turma do 2º ano do Ensino Fundamental é formada por 18 crianças, sendo que algumas residem próximo a escola e a maioria se desloca de outros bairros para a escola, utilizando o transporte público e, em muitos casos, acompanhados por irmãos mais velhos que também frequentam a escola, ou ainda, conhecidos.

### **As atividades na docência com as crianças: corpo, música, tempo e espaço**

As propostas desenvolvidas com a turma na escola constituem o Subprojeto de Geografia, junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Além disso, são planejadas a partir dos estudos e encontros que emergem do Projeto de Extensão Ritmos Geográficos na infância: corpo,

música, tempo e espaço na escola. Destaca-se que as atividades foram desenvolvidas uma vez por semana em momentos combinados com a professora da turma, durante o segundo semestre letivo do ano de 2023. Nessa perspectiva, a atividade nomeada com “Todos os sons que você ouve”, foi adaptada de M. Schafer (2018, p. 63) e foi a primeira que foi mediada junto à turma do 2º ano.

Inicialmente, foi feito um momento de conversa com as crianças com questionamentos, que à medida que iam sendo respondidos, foram anotados na lousa, assim como mostrado na tabela 1.

**Tabela 1**  
Dinâmica inicial – Sons: o que as crianças mencionam

Perguntas	Respostas
O que é som?	barulho; música; som; funk; pagode; movimento na pessoa; k-pop.
Quais sons vocês escutam no dia-a-dia?	tv; funk; jogadinha do paquetá; João Pessoa; “tô lutando contra essa vontade de ligar”; celular.
Quais sons vocês gostam?	música calma; funk; som de carro; passarinhos; rock.
Quais sons vocês não gostam?	pagode; ambulância (“dói o ouvido”); bts; ferro passando no outro.

Fonte: Elaborado pelos autores(as) (2024).

Após esse momento inicial, foram feitas combinações para o deslocamento até o pátio da escola para realizar um exercício de escuta, requisitando que ficassem em silêncio, andando calmamente e prestando atenção aos sons que ouviam.

Pedimos ao pibidiano que registrasse por escrito, não só o que as crianças fizeram – ou deixaram de fazer – mas, sobretudo o que essa ação dos infantes produziu nele, futuro educador, ou seja, estimulamos não só a escrita, pois esta sistematiza nossas ações mais organizadamente, bem como, instamos o educador a pensar: o que as ações vistas me provocam a ser como professor. Com isso estimulamos não apenas a descrição (do que é visto, feito), mas a dobra sobre nós mesmos, isto é, a experiência não é apenas o que acontece, mas sim o que acontece em nós, dentro de nós. A experiência é o que nos atravessa. É o que nos faz, provavelmente, mudar.

No relato do Diário da Docência do pibidiano, encontramos o registro

Durante a atividade, notei que a turma dividiu proporcionalmente em três distintos grupos, aqui podendo ser nomeados de: grupo A, alunos que não ficaram em silêncio durante o desenvolvimento da atividade, ininterruptamente conversando e interagindo com outros colegas em tom alto, tendo alguns dos alunos chegado ao pátio correndo e jogando-se no chão; grupo B, alunos que andaram calmamente pelo pátio durante o desenvolvimento da atividade, conversando e interagindo com outros ocasionalmente e em tom baixo; e grupo C, alunos que ficaram em completo silêncio durante a atividade, andando calmamente e constantemente parando e observando concentradamente os diversos sons e sonoridades produzidos pelo ambiente. Aos alunos A, nos momentos iniciais, necessitei pedir silêncio e concentração por diversas vezes, tendo parado de fazê-lo por notar que os pedidos por inibição, não estavam surtindo os efeitos pensados e, possivelmente, estavam limitando a interação do grupo com o ambiente sonoro constituído. Apesar disso, notei que os alunos estavam apresentando um comportamento mais “ordenado” do que o observado por mim quando estes mesmos alunos interagem nos horários de intervalo e brincadeira livre, demonstrando imersão na realização da atividade proposta. Já os alunos do grupo B, ocasionalmente pediam aos colegas que fizessem silêncio e escutassem à paisagem, talvez em uma tentativa de reforçar o comportamento desejado pelo professor. Entre os alunos A e C, mostrou-se uma propensão à exploração e criação de novos sons com o próprio corpo. Batiam os pés no chão, gritavam, batiam em árvores, metais, ou até mesmo passavam flores pelo próprio rosto, demonstrando curiosidade e integração às propriedades sonoras e corporais de sentir e produzir sons. Ao fim da atividade de escuta, já na sala de aula, o relato dos alunos sobre quais sons haviam escutado, foram compartilhados com animação e atenção. Foram os seguintes sons: *grito (citado 7 vezes); um professor (citado 6 vezes); carros (citado 4 vezes); pássaros (citado 3 vezes); criança (citado 2 vezes); motor (citado 2 vezes); motor do ar-condicionado; matagal; lata; grama; colegas estudando em sala; educação física; celular; estudantes; gato; plantas; madeira; metal; e pedra (Duarte, Diário da Docência, 2023).*

Logo, podemos refletir sobre como uma mesma atividade recebe, mesmo numa mesma turma, diferentes formas de envolvimento, o que é absolutamente compreensível. É aí que voltamos a expressão acima: a dobra sobre si mesmo. O que estas diferentes ações dos alunos provocam em mim, professor? Percebe-se que nós professores também não somos ‘apenas um’, isto é, os alunos nos provocam diferentes reações e reflexões nos poucos momentos de uma única aula! O que dizer do turbilhão de ideias que várias turmas durante vários meses produzem em nós? De qualquer forma fica a dica: observar atentamente o que os alunos fazem nos propicia muitos momentos de reflexão. O importante é evitar julgamentos de mera simpatia ou antipatia pela ação deles. Suspender o julgamento sem suspender a avaliação é um mantra que pretendemos construir com nossos alunos.

Após realizar um registro escrito dos sons ouvidos citados pelos alunos, iniciou-se a orientação para o desenho e escrita dos sons em forma de onomatopeias. Para isso, as crianças foram organizadas em pequenos grupos e para a realização da atividade, foram utilizadas tintas e pinceis e registros em papel *kraft*.

A atividade proposta encerrou com a produção final de três painéis com desenhos de sons feitos pelas crianças que foram chamados de “Mapas de Paisagem Sonora”. Esses mapas foram assim nomeados, justamente por expressarem as vivências das crianças que — utilizando o seu ouvido

pensante e atento (SCHAFER, 1991), bem como da sua compreensão sensorial do tempo e do espaço — convencionaram suas próprias escalas, símbolos e signos para representar os sons que ouviram a partir da vivência proposta no pátio da escola.

As atividades desenvolvidas remetem ao conceito de “vivência” (Vigotski, 2010, p. 683), referenciada pela palavra russa *perejivanie*, que é definida como uma unidade de elementos do meio, com a qual se pode compreender como este exerce influência na criança e como esta reage aos diferentes acontecimentos desse meio, sem com isso, creditar teorias deterministas, pois para a autor

A vivência é uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitutivos que possuem relação com dado acontecimento (Vigotski, 2010, p. 686).

As crianças muito empolgadas com os mapas criados, quiseram “mostrar explicando” para os colegas da turma o que os seus mapas mostravam. Com a atividade – que propôs que os alunos explorassem o ambiente na sua própria escola – percebemos como as crianças tem o que dizer. E querem dizer. Isto serve de dica para todos nós educadores, uma proposta que convida os alunos a fazerem ‘coisas’ e a pensarem sobre elas, é sempre uma mina de ouro de achados e reflexões. A dica que podemos dar é simples, mas tem uma concepção epistemológica clara: cabe ao professor gerar boas perguntas iniciais que conduzam as primeiras – insistimos, primeiras – dos alunos. Ou seja, se o professor sabe onde quer chegar, os alunos se envolvem na proposta, e, não raro, nos surpreendem com suas criações e leituras.

Seguimos com as impressões do pibidiano em ação,

Para além do desenvolvimento direto da atividade planejada e desenvolvida, outras questões também podem ser pensadas em relação a falas de alunos dirigidas a mim durante as dinâmicas de atividade. No início da tarde, uma aluna da turma perguntou: “Hoje tu vai ser o prof?”. Após dar a resposta risonha e afirmativa, refleti sobre como, mesmo acompanhando a turma uma vez por semana, como bolsista do PIBID, muitos alunos não me enxergam como um docente na sala de aula. Muito provavelmente, não representam a figura do professor aos alunos se dá por eles ainda estarem desenvolvendo sua percepção das dinâmicas escolares, não entendendo a extensão exata da minha autoridade e do meu papel em sala. Há a compreensão do “alguém que ajuda e acompanha a turma”, pois ainda não há a concepção de outros tipos e modos de docência, modos menos impositivos, menos atrelados à figura de autoridade institucional da escola. Não sou a figura docente direta e permanente encontrada na professora titular da turma, não pertencço a esse referencial de professor e, logo, “não sou” professor (Duarte, Diário da Docência, 2023).

Uma das outras atividades desenvolvidas, foi chamada de Quatro sons. Nessa, a dinâmica inicial teve o objetivo de retomar a reflexão das experiências realizadas no momento da realização da atividade “Todos os sons que você ouviu”, proposta em outra ocasião. Os alunos se mostraram receptivos e animados em relação à conversa e contaram o que tinham ouvido, como apresentado na tabela 1.

Após a finalização da dinâmica inicial com a turma, que durou cerca de trinta minutos, foi-se até o pátio principal da escola para iniciar a atividade Quatro sons. No pátio, os alunos foram estimulados a realizar sons utilizando seu corpo, mas, em maior parte, se mostraram inclinados a utilizar elementos presentes na paisagem para esse momento de criação (em geral, materiais da aula de Educação Física que estavam dispostos na quadra: bambolês, bolas, chapéus chineses e etc). Do Diário da Docência, destaca-se o seguinte trecho:

Três dos alunos, escolheram explorar as sonoridades do corpo com as bolas de futebol e basquete, jogando-as nas redes e traves das goleiras da quadra, bem como quicando-as no chão e batendo-as nos pés e mãos. Repetiam os movimentos de maneira atenta, de 3 a 5 vezes, conversando entre si e citando a escuta das ações: “oh o som da rede!” (Duarte, Diário da Docência, 2023).

Após a realização da parte inicial da atividade e o horário do lanche, a continuidade da proposta foi realizada na brinquedoteca, por possuir mais espaço para movimentação do que a própria sala da turma. Os alunos foram agrupados e proposto que cada grupo criasse uma peça sonora, mostrando os sons da paisagem durante a dinâmica feita no pátio. Assim, foram criados registros como se apresenta nas figuras 3 e 4.

**Figuras 3 e 4**  
“Os sons do nosso corpo lá no pátio”



Fonte: Diário da docência (2023).



De modo geral, os alunos da turma se mostraram participativos e criaram peças sonoras que conjugaram ritmos e sons corporais, que foram mostrados nos registros e na apresentação aos colegas. Notou-se a colaboração e cooperação entre as crianças. É importante ressaltar que foram utilizadas folhas grandes de papel *kraft* no registro das peças sonoras com o objetivo de que os alunos tivessem espaço para o desenvolvimento de suas linguagens e expressão linguística. Além disso, realizar as atividades em espaços mais amplos que a sala de aula, como o pátio da escola e a brinquedoteca tiveram como premissa, possibilitar vivências com a corporalidade e espacialidade de forma mais ampla, sem a restrição de poder ocorrer na sala de aula.

Com isso, queremos enfatizar a importância das nossas aulas buscarem desenvolver uma relação mais dinâmica com o próprio espaço escolar, bem como, estimular os alunos a perceberem e refletirem o entorno. A educação não se faz só com a razão, com o intelecto. Melhor aproveitar todos os sentidos só vai estimular a participação dos próprios alunos. E essa participação vai facilitar nosso trabalho docente, pois quanto mais envolvimento, mais oportunidades temos para a criação de outras atividades e reflexões. Por exemplo, quem de nós, independente da faixa etária, não ouve música? O que a música – e outras sonoridades – dizem de mim e da minha cultura? Que ritmos musicais são preferidos na turma? Que artistas temos como referência? E que artistas há na comunidade que nos cerca que são pouco conhecidos?

Observar mais e melhor o nosso bairro é atividade que requer não apenas olhos atentos, mas uma sensibilidade e reflexão aguçadas. Tarefa da escola, do professor ampliar nossa mirada do mundo. Será que não naturalizamos a feiura de nossa cidade, por exemplo, a mega poluição visual, o lixo na rua, o cidadão que leva seu cachorro para passear fazendo da cidade seu banheiro? Deixamos de notar nos habitantes de rua como se a desigualdade social fosse inevitável!

E os cheiros? Não podem ser melhor trabalhados? Afinal, quem não tem memórias vivas no simples cheiro de um café recém passado? Que lugares ele nos remete? O tato pode levar a gente a pensar nas diferentes habilidades manuais – que sempre são também habilidades cognitivas – que nossos alunos e seus familiares tem! Quanto jardineiro de mão cheia há entre os pais de nossos alunos? Quantos artesãos? Será que esse fazer cotidiano não pode ser relacionado com as brincadeiras das crianças? Onde se brinca hoje em dia? Nossas crianças podem desfrutar as ruas? Há pátios para subir em árvores e ver plantas e outras coisas? Aqui já estamos propondo expandir ainda mais nossas divagações: que relações temos com os bichos de estimação? Onde eles vivem? Pátio ou dentro de casa? De novo, estamos falando de espaços, de vivências que nunca são meramente sensoriais ou

mentais. Sempre são as duas coisas juntas e misturadas. As crianças vivificam pressupostos teóricos e apontam caminhos a serem percorridos com elas por lugares em que se vê e sente a escola e o mundo (Theves, 2018).

Qual o papel da escola, do professor? Ampliar a visão, a percepção de mundo dos alunos. A escola permite que o aluno saindo da sua estrita família encontre-se com outros indivíduos, que nunca são ‘apenas’ indivíduos. São as múltiplas frações de nossa caleidoscópica sociedade. Outras formas de lidar com o corpo. Outras formas de viver a corporeidade, a religiosidade, a alimentação e a própria forma de criar os filhos. Quanta diversidade numa sala de aula. Pais com diferentes ofícios, outros arranjos familiares, formas de se vestir, enfim, desenvolva você leitor a atenção para os múltiplos fatores que lhe chamam a atenção, seja no ambiente privado de uma família/casa, seja na vastidão de diferentes salas de aula e da nossa cidade.

Basta ficarmos 2 minutos num cruzamento – existente aliás a 20 metros da nossa escola onde atua o pibidiano – para vermos ali o carro de luxo, o carro popular, o carro muito velho (e poluidor), o habitante de rua, eufemisticamente chamado de morador de rua (??), entre tantos outros cidadãos que ali passam, com suas diferentes vestimentas e nível de pressa.

As narrativas das crianças sobre a atividades e a apresentação de suas peças sonoras com diferentes sons e movimentos com a corporalidade, expressam o que se aprende com Lopes “carregamos as imagens, as sensações e os afetos das paisagens que nos ligam a lugares, tanto aqueles conhecidos presencialmente ou por enunciações alheias” (Lopes, 2024, p. 10).

O que Lopes nos instiga a ampliar, é a atenção ao mundo que nos cerca, as garrafas onde estamos contidos, os limites de nosso mundo e de nossa percepção dele. E, com isso uma provocação, a uma espécie de Geografia do Custo Zero, isto é, para refletirmos sobre o mundo que vivemos não precisamos, necessariamente, de recursos tecnológicos ou materiais vultosos. Precisamos de curiosidade e sentidos atentos. Precisamos de perguntas disparadoras iniciais instigantes. Precisamos de atividades que estimulem os alunos a saírem de suas cavernas, isto é, de seus interiores para um olhar mais plural e, porque não sermos pretensiosos, mais fraterno, solidário e generoso?

Retomamos o pibidiano em seu diário:

Para além do desenvolvimento direto da atividade planejada e desenvolvida, outras questões também podem ser pensadas em relação a acontecimentos que ocorreram durante as dinâmicas das atividades. Primeiramente, reflito aqui sobre como a condição do tempo do dia, com muito calor, afetou a realização da atividade. É necessário se ter em mente que o exercício da temporalidade e da corporalidade humana, é invariavelmente delimitado pelas condições naturais; não há ação humana sem mundo natural para que se possa agir e ser com o mesmo. Tais condições naturais têm sido cada dia mais incontroláveis, imprevisíveis e hostis em paralelo

à existência humana, não sendo assim sem razão, mas por causa de um sistema de capitalização e normatização da vida que, direta e indiretamente, afeta o exercício das corporalidades e temporalidades humanas. Reflito ainda, sobre a marcante participação de uma aluna da turma na tarde de atividades na brinquedoteca. Durante os momentos de liberação para o brincar, antes da apresentação das peças musicais, a aluna que pouco participou da atividade proposta e também pouco participa das atividades propostas em sala de aula (como observado em minhas atuações com a turma no PIBID, e como relatado diversas vezes pela professora titular da turma), escolheu brincar e explorar as sonoridades de uma flauta doce que estava entre os materiais disponíveis na brinquedoteca. Diferente de como se mostra em absoluta maioria das atividades realizadas em sala, se mostrou interessada, instigada e entretida pelo instrumento e seu manuseio, ficando com ele, e tocando-o, até o momento de finalização da atividade. Durante este tempo, explorava a diferença dos sons das notas conforme a mudança de dedilhado (havia sido ensinada por mim a posição inicial correta de dedos para o manuseio da flauta) e demonstrava felicidade e contentamento por essa exploração (sentimentos pouco observados, por mim, em suas interações com os objetos de aprendizado em sala). Quando convidada para demais brincadeiras por seus colegas, levava consigo a flauta, tocando-a e manuseando-a enquanto brincava e socializava com eles. Se mostrou animada ao conhecer o nome do instrumento musical e, após o contato com ele, também pareceu entusiasmada com as demais interações sociais em sala. Ressalto, aqui, que são notáveis as perspectivas e potencialidades de aprendizagem e socialização que a música e, portanto, a educação musical, podem apresentar aos alunos (Diário da Docência, 2023).

Com essa reflexão podemos pensar mais uma vez como a escola pode estimular nossos alunos a expandirem seu universo cultural e social, desde que ofereçamos um espaço-tempo de criação e liberdade. Ou seja, a escola não precisa estar tão presa ao corre-corre do mero conteudismo. Porque confundir 'educação de qualidade' com excessiva ocupação, não raro mecânica e esvaziada de reflexão? Por que correr tanto? Não somos nós educadores, não raro, a criticar o corre-corre da vida 'lá fora' da sala de aula? Quem nos obriga, afinal, a essa correria? O professor tem espaço para propor outras formas de viver o espaço-tempo da escola? Cremos que sim. Qual sua margem de manobra, professor? Lembremos que, etimologicamente, escola vem do grego, 'skolé', ócio. Isso mesmo, ócio, tempo livre. A escola não pode ser meramente preparação para o mundo futuro, do trabalho. Cabe defender a escola como espaço-tempo para a criança brincar, ser livre de um produtivismo precoce e alienante, onde ela deixa de viver esta fase de ser 'apenas' criança porque precisa (?) se preparar para o futuro! E, como o futuro é uma 'guerra', as primeiras vítimas são as próprias crianças, e, por tabela, as artes, as brincadeiras, a ludicidade de ser ... criança.

### **Considerações finais – Escuta comigo - Cabe a escola pensar e buscar a felicidade?**

O mundo é diverso, a infância é plural tal como são as formas de vivenciar e geo-grafar o espaço. As crianças nos ensinam que há possibilidades para reinventar a docência (e a escola), se não esquecermos de ouvi-las, acreditar na sua capacidade criadora e responsabilizar-nos por construir uma

escola que as acolha e as reconheça como autoras. Para isso, é fundamental levar em consideração sua presença, seus mundos, suas lógicas, suas linguagens e os seus conhecimentos.

Nestas breves reflexões queremos insistir em pelo menos dois tópicos: a escola como espaço-tempo de ampliação da sensibilidade das crianças que não se restrinja a um mero depósito de informações técnicas. Que a escola não abra mão de desenvolver a ludicidade, o brincar, não apenas com fins ‘nobres’ de ensinar algo para o futuro. Que a escola seja também um espaço de acolhida, de afeto, de pausa com o mundo ‘lá fora’ (não raro visto por nós mesmos como um mundo insano e cruel), um mundo onde o ócio pode ser extremamente ‘produtivo’, ‘útil’ e, porque não, feliz, afinal ser feliz e ético é o que pode ser uma bela utopia a perseguir na formação de nossos futuros professores.

O outro ponto básico de nossa provisória chegada, posto que é hora de finalizar o texto, é a imensa capacidade educativa que nossos alunos podem ter para conosco, desde que eles sejam instigados a mostrarem suas visões de mundo, suas vivências espaço-temporais trazidas desde as primeiras vivências. Que esse conhecimento vivido seja considerado e problematizado por nós educadores.

A escola é esse espaço-tempo privilegiado para ainda buscarmos essa utópica, mas necessária felicidade.

## Referências

LOPES, Jader Janer Moreira. **Atrás da Porta: Vivências espaciais esquecidas pelas geografias dos adultos para [com]viver e [co]existir com as geografias das infâncias de bebês e crianças**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

SCHAFER, Raymond Murray. **OuvirCantar: 75 exercícios para ouvir e criar música**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

SCHAFER, Raymond Murray. **Ouvindo Pensante**. São Paulo: UNESP, 1991.

THEVES, Denise W. **Pelos labirintos da docência com os fios de Ariadne: geografia e existência que (trans)formam a mim e meus alunos**. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2018.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Quarta aula: a questão do meio na Pedagogia. 2010. p. 681-701. Tradução Márcia Pileggi Vinha. v. 21 n. 4 (2010): **Dossiê Vigotski e outros trabalhos**. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/psicousp/issue/view/3464>. Acesso em: 18 jul. 2024.

Revisão textual e de normas da ABNT realizada por: Taiane Fabiele da Silva Bringhenti.